

PRÓLOGO

FORAM OS DRAGÕES de Pilos que acabaram por nos derrotar.

Os dragões e Trasíbulo, aquele louco rebelde. Sendo um general, ele jantara à nossa mesa em Atenas mais vezes do que aquelas que consigo contar, mas depois de se ter atravessado no caminho dos políticos errados, fora banido para Tebas. Ali reprimiu os seus sentimentos, deixando o ódio e o desprezo fermentar, reunira à sua volta um pequeno grupo de homens com ideias semelhantes, exilados e mercenário Atenienses, cada um deles com as suas próprias dívidas para cobrar. Agora num inacreditável acto arrojado, ele conduziu a sua força de setenta guerreiros cuidadosamente escolhidos silenciosamente através do desfiladeiro, cortara os pescoços das sentinelas a meio da noite e capturara a fortaleza de Pilos que guardava o desfiladeiro a uns escassos quinze quilómetros de Atenas. É verdade que, na confusão gerada após a rendição da cidade a Esparta, as circunstâncias praticamente o convidaram a tal — a guarnição do forte estivera sobrecarregada e desmoralizada durante meses. No entanto, é inútil atribuir a culpa à estupidez alheia pois esse é o último refúgio dos derrotados. Agora que Trasíbulo tomara Pilos, cabia a nós expulsá-lo de lá.

Critias foi encarregado de reunir o exército e de nos conduzir no ataque, mas Critias não era um soldado, era um político e o líder da facção extremista dos Trinta, precisamente o tipo de homem que Trasíbulo mais desprezava. Deu um belo espectáculo, mesmo sob a chuva torrencial, muita conversa e muito *bluff*, dando ordens ora à infantaria para se posicionar aqui, ora aos arqueiros mais adiante, fazendo poses com uma espada nova enquanto o seu belo cavalo de batalha cartaginês se empinava sob ele. Na verdade, o facto de estar permanentemente rodeado de um pelotão de espartanos silenciosos que envergavam mantos vermelhos conferia-lhe uma certa autoridade. Mas o arguto Trasíbulo bloqueara a estrada principal para a fortaleza com enormes rochas, forçando-nos a subir, sob uma chuva torrencial, através de um sinuoso caminho de cabras que a dado altura passava perigosamente perto das muralhas externas da fortaleza. Quando o ferro se encontrasse com o ferro e o couro com a lama, esta investida não seria própria para Critias, até a cavalaria era inútil naquela encosta de montanha repleta de rochas e o seu próprio cavalo de parada depressa fracturou um membro dianteiro, derrubando-o vergonhosamente na lama. Subir o caminho do desfiladeiro era uma tarefa para soldados, pura e simplesmente e, enquanto Critias na sua indumentária enlameada insurgia-se connosco lá de baixo, Xenofonte desmontou juntamente com toda a sua companhia, atirou para o lado o seu manto de lã e começou a esforçar-se por subir a montanha a pé. Éramos uma força de três mil homens furiosos por estarmos ali. Faríamos debandar o lastimoso grupo de Trasíbulo antes do

cair da noite e retornaríamos a casa na manhã seguinte, pois a guerra já acabara, o tempo estava a começar a ficar gelado e nós estávamos exaustos.

O nosso primeiro assalto foi repellido com baixas. O velho muro da fortaleza tinha uma única passagem estreita através da muralha exterior que mal dava para três homens passarem lado a lado por estar ladeada por duas torres compactas com bases inclinadas, agachadas como sapos, malévolas, de cada lado do acesso. Pequenas frestas perfuravam as paredes de pedra das torres quatro metros e meio acima do solo, através das quais os defensores lançavam uma enxurrada assassina de setas na direcção da entrada, directas aos nossos rostos. Rebeldes ululantes e sorridentes, iluminados pelo céu cinzento do crepúsculo prematuro e reluzindo sob a chuva violenta, lançavam de cima da muralha tijolos e pedras às nossas cabeças, dos quais não nos podíamos proteger devido às setas que varriam as nossas linhas da frente. Mesmo depois de termos optado por uma posição fechada com os nossos escudos e de nos termos apressado a passar por entre as torres em formação cerrada, a enorme porta de carvalho revestida a bronze impedindo a passagem deteve-nos e retirámos desordenadamente, deixando para trás mortos e feridos.

Apesar de tudo, não nos sentimos desencorajados, antecipámos obstáculos como estes. Durante a nossa subida daquele horrível caminho da montanha, debaixo da chuva torrencial, transportámos laboriosamente uma dúzia de grossas tábuas de carvalho, cada uma delas habilidosamente trabalhada com juntas macho-fêmea nas laterais e com pegas de ferro forjado e correias. Ao abrigo de um muro de suporte num declive em frente do forte, a última área protegida antes de emergirmos para o inferno da chuva de setas sob as torres, os homens juntaram as tábuas com as suas mãos geladas e apressadamente amarraram e apertaram-nas de modo a formarem um telhado firme e pontiagudo. O seu peso sob a chuva era tal que desequilibrava cinco homens, mas que dez podiam facilmente carregar quando dispostos por baixo em duas colunas de cinco, agarrando fortemente as pegas de ferro e os cabos de suporte. Grossas protecções de verga foram penduradas de lado para completar o abrigo. A estrutura protegeria não somente os hoplitas que a carregavam, a quem por brincadeira nos referíamos como “os carregadores de caixões”, mas também vários homens ao centro, entre eles, que manuseavam o aríete.

O aríete em si não era de fabricação engenhosa, era, de facto, quase comicamente tosco. Teria sido impossível carregar por aquele caminho tortuoso os usuais troncos revestidos a bronze. Improvisámos com o material disponível — um pedregulho arredondado com cerca de dois metros de diâmetro que estava a bloquear a estrada já perto do cimo. Com escopros e cabeças de machados desbastámos os seus cantos irregulares e as suas saliências e depois abrimos dois buracos profundos de cada um dos lados onde introduzimos fortes barras de ferro que seriam utilizadas como pegas, semelhante a um eixo numa enorme roda. Carregámos esta engenhoca grosseira durante os últimos metros da subida até ao muro de suporte e colocámo-la

no caminho que dava directamente até à enorme porta de carvalho. Felizmente, a aproximação final da porta era plana, até mesmo ligeiramente inclinada para baixo. Calculámos que com quatro homens fortes a empurrar o pedregulho pelos eixos, protegidos da chuva de setas e pedras pelo robusto telhado de madeira, ganharia velocidade suficiente para enfraquecer a trave e as dobradiças aquando do embate — com alguma sorte até poderia derrubar por completo a porta.

A primeira investida foi feita sem o aríete e, ao mesmo tempo que os dez carregadores corriam suportando o telhado, outros seis “apanhadores” correram apressadamente por baixo, escorregando na lama e no lodo congelado com o objectivo de afastar as pedras e os obstáculos existentes no caminho para a porta. Na volta, recolheram os mortos deixados para trás no nosso ataque anterior, cujos corpos tinham sido praticamente desfeitos pelas setas e rochas que lhes choviam em cima. Estranhamente, os rebeldes lá em cima não nos impediram de realizar esta tarefa — algumas setas aleatórias aterraram nas tábuas e deslizaram inofensivamente para o lado mas, para além disso, limitaram-se a gritar escárnios obscenos.

Isto foi tudo o que conseguimos fazer até ao anoitecer, deixando-nos tempo para apenas mais uma passagem. A chuva tinham-se tornado agora uma torrente de granizo e o encobrimento do tempo e a escuridão da noite que se aproximava faziam com que fosse impossível ver mais do que alguns metros à nossa frente. Enquanto os homens que iriam empurrar ocupavam o seu lugar debaixo do telhado, o exército reuniu-se em massa atrás, estendendo-se pela montanha abaixo devido ao espaço confinado do local. Foi dado um pequeno empurrão à rocha a partir da parte mais elevada e as mãos dos quatro homens que empurravam deram-lhe força até atingir a velocidade, primeiro de um passo lento, depois de um trote. Os homens que carregavam o abrigo pesado olhavam nervosamente, não fosse mudar de direcção e esmagá-los no seu curso implacável, mas a inclinação era boa e a rocha bem redonda. Suando e praguejando, os homens aplicavam toda a sua força no eixo de ferro, ganhando velocidade. O exército atrás deles trotou e, depois, correu e depois fez um *sprint* na direcção das torres, as suas vozes subindo num urro que ressoava nas paredes num coro crescente de encorajamento e antecipação. Pela altura em que o pedregulho se aproximou do portão, os homens já tinham dificuldade em o acompanharem pois ele saltava e atravessava os limites do caminho numa fúria, a uns treze metros do portão largaram o eixo. Os homens que transportavam o telhado pararam abruptamente e o pedregulho saiu disparado debaixo do abrigo. Atrás deles vinha a falange dianteira, um regimento tribal favorito de Hippothontis que tinha lutado e vencido companhias rivais pela honra de liderarem o ataque, com os escudos erguidos acima das cabeças para sua protecção e berrando o grito de guerra. A enorme rocha precipitou-se para a frente, lançando borrifos de água gelada e lama para os lados e, por fim, mesmo antes de atingir o alvo, bateu numa pequena elevação e voou pelo ar, embatendo na porta mesmo a meio com um estrondo imenso.

A barra sólida por dentro da porta quebrou com a força do ataque directo e a enorme lasca de carvalho foi arrancada das dobradiças, abrindo uma brecha de meio metro no topo e nos lados, com o canto exterior inclinando-se torto contra o chão. O impacto lascou a madeira a meio da porta e fez com que uma enorme fenda de alto a baixo, ameaçando abrir para dentro como um escudo côncavo. A colisão deu origem a um tremor que deslocou pedras das ameias, um gemido na parede que pôde ser sentido no chão por debaixo dos nossos pés. Os atenienses emitiram um grito de triunfo e os carregadores do pesado telhado atiraram-no para o lado e correram para pegarem nos seus escudos e armas que tinham sido escondidos por debaixo da armação. Berrando o grito de guerra, a falange precipitou-se em frente para se lançar contra a porta enfraquecida e forçar a sua abertura antes que os rebeldes tivessem oportunidade de se barricarem novamente.

Mas fechar a porta não fazia parte das intenções dos rebeldes. Mesmo antes dos hoplitas terem chegado à entrada, a porta tremeu e balançou e, com um esforço grande e deselegante abriu-se como se tivesse vontade própria. Os defensores no cimo das torres permaneciam silenciosos e imóveis, espreitando-nos através da chuva forte e o grito ateniense tornou-se ainda mais feroz perante este sinal da rendição dos rebeldes. Corremos para a entrada, meio cegos pela chuva e pelos borrifos de lama lançados pelos pés dos homens à nossa frente e a enorme porta estava completamente aberta para dentro, revelando a escuridão sombria da abóbada contida dentro das paredes de três metros de espessura da Fortaleza de Pilos. À medida que corríamos através da fenda, os dragões ganharam vida.

Horrendas bolas de chama saltaram da escuridão, o cheiro de enxofre subjugando-nos enquanto o líquido negro e mal cheiroso atingia as caras e os corpos dos homens, encandeando-os e fazendo-os gritar e cambalear cegamente. Torrentes de chama assassinas estendiam-se por dez, doze e mais metros, três chamas sucessivas a toda a largura da abertura, cada uma delas fazendo uma pausa momentânea à vez, como criaturas a inspirarem e depois retomando o seu soprar infernal. Na escuridão por detrás dos dragões conseguíamos ver os rostos dos rebeldes de Trasíbulo a brilharem, horripilantes, à luz das chamas, os seus olhos parecendo covas negras vazias a espreitarem dos buracos dos elmos e os dentes a brilharem amarelos e ferozes quando lançavam as cabeças para trás e faziam caretas com o esforço da sua terrível tarefa.

Gritos de agonia e o fedor de carne queimada enchiam o ar à medida que os homens caíam a arder aos pés do ataque devastador e os que estavam mais adiantados no ataque eram cozinhados vivos dentro das próprias armaduras, tornando-se negros e contorcendo-se onde caíam. As suas mãos encolhiam enquanto formavam garras sem dedos e os membros contraíam-se quando caíam mortos e encolhiam-se aos nossos pés como aranhas pousadas sobre a chama de uma lamparina. Mais atrás, a minha garganta contraía-se e eu engasgava-me e sentia falta de ar devido ao fumo negro pestilento produzido pelo queimar da carne dos meus camaradas. Eu conseguia sentir o calor dos disparos na minha cara como uma fornalha subitamente aberta e o

pensamento de que uma morte terrível estava à espera por detrás da porta lascada e partida era avassalador. As tropas entraram em pânico.

O caminho estreito atrás de nós impedia uma retirada rápida. Os homens atropelavam-se e forçavam a passagem, três ou quatro ao mesmo tempo, enquanto o inferno nas suas costas ameaçava-os com uma morte infernal. Vítimas ainda em chamas corriam loucamente através das filas, gritando-nos para que apagássemos o fogo, o que éramos incapazes de fazer pois a substância combustível ardia independentemente da água e da terra que lhe lançássemos. Os homens estavam aterrorizados, tropeçando e atropelando-se uns aos outros na sua pressa para escaparem e nas torres os arqueiros de Trasíbulo lançavam chuvas de flechas sobre nós, bloqueando ainda mais a nossa retirada. Eu espreitei por cima do ombro para as torres atrás de nós e vi as chamas cessarem à medida que a massiva porta de carvalho era movida e colocada novamente na sua posição original, os horripilantes restos dos mortos e feridos foram deixados para trás em pilhas que se contorciam e guinchavam.

A descida da montanha pelo barbacã foi horrenda, pois o caminho que antes tínhamos percorrido com dificuldade mesmo em plena luz do dia era agora quase impossível para tropas feridas e em pânico, lutando contra a chuvada e o cair da noite. Os homens trepavam e gatinhavam, descendo atabalhoadamente a vertente rochosa tornada mais perigosa pela escuridão das sombras e das suas próprias almas. Os mortos e os feridos eram arrastados e empurrados, com as cabeças e os membros a baterem nas rochas, enquanto que por detrás deles tropas juntavam-se em terror. Os soldados agrediam-se uns aos outros com os punhos e com as armas para conseguirem avançar mais depressa. Um desgraçado aterrorizado saltou sobre os meus ombros e trepou por cima dos elmos dos outros soldados à minha frente. Conseguiu avançar apenas alguns metros até um hoplita enraivecido o ter agredido nas costelas com a borda de bronze do seu escudo, deixando-o a vomitar na lama aos nossos pés sendo pontapeado e arrastado pela multidão. Era impossível ganhar velocidade e não apenas devido à escuridão, as curvas eram tão inclinadas que um passo em falso no escuro faria com que um homem aterrasse nos elmos ou nas pontas de lança daqueles que desciam na estrada por baixo.

O caminho levava-nos a contornar a fortaleza, passando por uma saliência na rocha entre as paredes exteriores e o desfiladeiro escarpado, onde estávamos vulneráveis às flechas vindas lá de cima das muralhas. Tinham dado ordens a Xenofonte para liderar uma companhia de arqueiros cujo capitão tinha sido perdido durante o ataque e aqui ele posicionou-os de forma a darem cobertura à descida do exército mantendo uma barreira contínua de flechas em quaisquer rebeldes que tentassem disparar ou lançar pedras nas tropas que retiravam mais abaixo. Ao fazermos isto, matámos vários homens de Trasíbulo, que caíram das suas posições na muralha para aterrarem numa massa grosseira aos nossos pés. No entanto, antes que conseguíssemos nós próprios descer o caminho estreito, Trasíbulo enviou um destacamento para se barricar no ponto mais estreito entre as paredes exteriores e o desfiladeiro, bloqueando a

nossa retirada e impedindo que reforços viessem em nosso auxílio. As nossas esperanças de conseguirmos sair dali ainda antes do pôr-do-sol ficaram desfeitas quando um enorme rebelde envergando uma armadura beócia pintada com chamas saiu detrás de uma rocha e saltou para cima do nosso homem da frente. Com um poderoso golpe da sua longa espada, o rebelde cortou através do elmo do homem até mesmo à base do pescoço, rebentando o seu crânio numa chuva de miolos e deixando as duas metades da cabeça a penderem sobre os ombros, seguras pelos tendões do pescoço. Xenofonte lançou uma lança à garganta do rebelde, que agarrou a haste e tentou arrancá-la antes de se desequilibrar e cair de costas contra a parede, praguejando silenciosamente e cuspidando sangue. Foi imediatamente substituído por um enxame de camaradas enraivecidos, que voaram na nossa direcção detrás da sua barricada, fazendo-nos recuar com lanças e pedras. Recuámos até ao abrigo da muralha junto das torres, onde nos agachámos, encharcados e miseráveis, na agora completa escuridão e entre duas forças inimigas.

Éramos, talvez, uns cinquenta e olhávamos, frustrados, para a passagem em frente do barbacã onde tínhamos sido desviados do percurso há apenas alguns momentos antes. O caminho estava iluminado por chamas fracas ainda sibilando no pegajoso e venenoso fluido que estava em poças nos meio dos corpos. As chamas iniciais tinham sido tão súbitas que as primeiras vítimas estavam aglomeradas num único monte, alguns mantendo-se erectos e encostados contra o monte dos seus camaradas sem espaço para tombarem, ainda uma falange, mesmo na morte. Havia um soldado que estava plenamente visível, a cabeça carbonizada tinha caído do pescoço tostado como uma uva murcha numa videira, mantinha a guarda à chuva contra uma pilha de camaradas seus, o seu corpo esta hirto como um tronco dentro da armadura. Os que ainda sobreviviam no meio da horrenda pilha, olhavam para nós desesperados com a sua agonia, implorando-nos com vozes fracas para os retirarmos do meio dos membros quebrados e ensanguentados dos seus camaradas antes que sufocassem ou morressem congelados. Não havia nada que pudéssemos fazer.

— Senhor Zeus — murmurou Xenofonte debilmente, enquanto bebia água do cantil que eu lhe estendi. — O que é que estamos a fazer aqui? Como é que todo um exército pode ser derrotado por apenas setenta homens?

Eu olhei para ele na escuridão, mas fui incapaz de discernir a sua expressão.

— Quando chegarmos a Atenas, serás louvado por bravura por terdes liderado estes arqueiros?

Ele grunhiu e depois ficou em silêncio. Quando eu estendi a minha mão cegamente para reaver o meu cantil, ele agarrou o meu pulso e eu achei que fora anormalmente ríspido, a sua mão tremia. Eu afastei a minha mão e agarrei o pulso dele, sentindo a sua pulsação acelerada.

— O que tendes? — Perguntei, sentindo-me cada vez mais preocupado.

— Nada. Estou ferido. Não consigo ver, não sei.

— Pelos deuses, por que é que não haveis dito nada? Onde é?

— Aqui, na minha perna.

Estendi a minha mão e senti a haste da flecha a emergir a uns sessenta centímetros da coxa dele, num ângulo em direcção ao seu torso, tão firme e inflexível como se tivesse sido fixada na sua perna por raízes. Na nossa retirada da muralha, há alguns minutos antes, tinha sido atingido por um arqueiro que lhe tinha feito pontaria lá de cima. Auscultei o ângulo da haste na escuridão, concluindo que não se tinha alojado no osso ou perfurado a artéria. No entanto, também não tinha emergido do outro lado, devido ao terrível ângulo de entrada, tinha atravessado toda a sua coxa longitudinalmente.

Quando afastei a minha mão esta vinha pegajosa com o sangue. Ele não conseguiria caminhar para longe e, mesmo se isso fosse possível, não havia lugar para onde caminhar. Estávamos aqui encurralados pelo menos até ser manhã e, por essa altura, a perna dele teria endurecido como um pau, se ele não estivesse já morto com a perda de sangue.

Eu não tinha nenhum cinto com o qual pudesse fazer um torniquete, uma vez que lutávamos nus dentro da armadura com a excepção da saia dura de couro que protegia o baixo ventre contra pancadas. Apalpando o terreno cegamente no local onde estava a nossa companhia, com gemidos e sons ofegantes emergindo da escuridão de homens com os seus próprios ferimentos, eu encontrei o cantil de couro que tinha acabado de deixar cair. Agarrei-o, peguei na minha faca e furei a pele, cortando-o pela costura e depois numa única tira flexível da largura de um cinto. Atei esta tira à perna de Xenofonte junto à virilha, colocando o pé na anca dele e puxando para apertar com força antes de dar o nó. Xenofonte grunhiu com dor.

— Estais louco? — Perguntou. — O couro apertará mais ainda com a chuva. Perderei a minha pele.

— Isso é melhor do que sangrar até à morte. Aqui não temos qualquer cirurgião e eu não posso ligar a ferida com a flecha ainda lá dentro.

— Então terás de a tirar.

— Nem pensar, não farei tal coisa.

— Sois um escravo. Farás o que eu digo.

— Sou escravo de Grilo, não vosso.

— Sois o meu escudeiro. Agora, agarrai esta haste.

Fiquei agachado durante um momento, imóvel, pensando se isto seria mesmo o que os deuses tinham programado. Os homens à nossa volta tinham ficado em silêncio e eu senti os olhos deles em mim, mesmo através da escuridão, apesar de nenhum se voluntariar para ajudar. O único som era emitido pelas sentinelas do inimigo na torre a menos de noventa metros de distância, a chamarem a vigia. A chuva tinha piorado e era agora uma tromba de água e eu deslizei pela lama congelada até chegar aos ombros de Xenofonte, de frente para a flecha,

depois estiquei-me e agarrei a haste, colocando novamente a minha sandália na anca dele para conseguir fazer mais força.

— Não, idiota, puxar não, empurrai!

— O quê?

— Empurrai a puta da flecha até sair do outro lado. Irás rasgar o músculo da minha perna de puxardes.

A voz dele já soava mais fraca e, quando tirei o pé da sua anca, este aterrou numa poça debaixo dele, que estava morna apesar da saraivada. O torniquete não estava a estancar a hemorragia.

Cortei um pedaço de tira de couro que estava em excesso no torniquete e dei-lho, ele sabia para que é que servia. Dobrando-o ao meio, colocou-o na boca entre os dentes. Enterrei a biqueira da minha sandália na lama gelada atrás de mim, fazendo uma pequena cova para ter mais força. Num único movimento, agarrei a haste da flecha e empurrei-a com todas as minhas forças, em direcção ao joelho de Xenofonte.

Talvez eu tivesse hesitado pois, a princípio, não se moveu. Xenofonte gritou com dor, arqueando os ombros e lançando a cabeça para trás e a mão dele agarrou a barriga da minha perna como um torno. O seu peito inchava enquanto inspirava através das narinas e grunhia em agonia à medida que a ponta da flecha rasgava devagar o seu doloroso caminho através da carne que se rendia e rasgava com um som audível. Eu rezei para que os deuses mantivessem a minha força, para que eu não vacilasse e para que Xenofonte não movesse a perna e a ponta da flecha não se partisse. Apesar do seu corpo se agitasse com a dor, ele mantinha a perna quieta até que, com um pequeno estalo e um súbito alívio de pressão a ponta de bronze da flecha emergiu exactamente ao lado do joelho, ligeiramente a sair da haste mas ainda segura.

Larguei a haste, tinha-a agarrado com tanta força que quase tive de descolar os dedos e sentei-me, exausto. Xenofonte largou-me a perna e cuspiu a tira de couro, arfando e grunhindo. Inclinei-me para lhe tocar na testa e vi que, apesar do frio, ele estava coberto de suor.

— Agora — disse, extenuado — cortai a ponta e puxai a haste.

Saquei do meu punhal e, apalpando na escuridão, descobri onde a longa e estreita ponta saía da pele. O sangue fluía ininterruptamente do buraco e não havia muito tempo. Cortei a madeira em dois golpes, permitindo que a ponta de bronze caísse com um pequeno estilhaço no cascalho aos nossos pés e depois, sentando-me e continuando ajoelhado na lama junto ao ombro dele, agarrei na flecha e, gentil e rapidamente, voltei a empurrar a haste de volta por onde tinha entrado. Desta vez, Xenofonte não se arqueou, mas simplesmente estremeceu e ficou em silêncio apesar de não ter voltado a pôr a tira de couro na boca. Agarrei num rolo de ligaduras e enfiei pedaços nos buracos da flecha, ligando ainda melhor as feridas ao enrolar a ligadura à volta das feridas várias vezes. Na escuridão, eu apenas conseguia esperar o melhor. A dor aguda

tinha deixado Xenofonte inconsciente durante esta última parte mas, ainda que eu agradecesse aos deuses por esta pequena benção, ainda era prematuro, pois eles ainda não tinham acabado.

A chuvada transformara-se em granito e o granito em neve e, quando nos levantámos para batermos com os pés e trazermos algum calor aos nossos membros gelados, vimos que este não vinha e percebemos que já não nos podíamos sentar mais durante aquela noite. Fazer lume estava fora de questão, pois não havia combustível naquela encosta rochosa. Os nossos maxilares ficavam presos com o frio e tínhamos dificuldade em falar, por isso caminhávamos desajeitadamente para cima e para baixo no caminho enlameado, com os pés dormentes. Durante toda a noite andámos para trás e para a frente, chocando cegamente ao passarmos uns pelos outros, à medida que a neve se acumulava nos nossos elmos e nos nossos ombros e era soprada em rajadas traiçoeiras para os nossos pés. Não ousávamos aventurar-nos mais na escuridão por medo de cairmos pelo desfiladeiro, ou pior, encontrarmos os homens de Trasíbulo ainda escondidos nas sombras. Xenofonte, apesar de consciente e lúcido, continuava com dores atrozes. Lançando um braço sobre o meu ombro, coxeava ao meu lado em silêncio da melhor maneira que conseguia à medida que os céus se abriam e os deuses despejavam sobre nós mais neve numa única noite do que Atenas vira nas duas últimas gerações.

Pela altura em que o mais débil brilho cinzento surgiu a este, três homens da nossa companhia estavam mortos, congelados com a dureza de tábuas e cobertos com uma mortalha de neve branca. Não tinham sido capazes de se moverem durante a noite devido aos seus ferimentos. Também Xenofonte estava num estado perigoso, a hemorragia tinha parado, mas o pé estava de um terrível tom azul devido ao frio e à sua incapacidade de bater com ele para fazer movimentar o sangue. Não conseguíamos sentir nada, não conseguíamos falar e, apesar da nossa armadura fornecer algum abrigo das rajadas de vento e do frio, sentir o metal contra a nossa pele era insuportável.

— Partimos agora — grunhiu Xenofonte, espreitando debilmente através da neve espessa assim que conseguiu distinguir o estreito rebordo do caminho do desfiladeiro. Levou as mãos em concha até à boca, soprando sem resultado para as aquecer.

— E se os homens de Trasíbulo... — comecei.

— Eles devem estar tão congelados como nós. Ou morremos aqui na neve, ou morremos a lutar. Eu prefiro lutar.

A ordem foi-se espalhando pela fila e, num instante, os homens tinham-se reunido, a coxear e arrastados, preparados para partir. Foram improvisadas liteiras a partir de hastes de flechas e de tangas para transportar os mortos e os feridos. Começámos a caminhada, debatendo-nos contra as rajadas de vento e equilibrando-nos nas rochas com as nossas mãos geladas até os nossos dedos começarem a sangrar e a deixar rastos vermelhos e brilhantes no branco para marcarem a nossa passagem, apesar de não sentirmos qualquer dor neles. Os homens tinham deixado as suas armas para trás e caminhavam cambaleastes como fantasmas,

com as mãos nos sovacos numa postura de loucos, espreitando com medo através da neve e da semi-escuridão à procura de quaisquer sinais de ataque.

Não houve nenhum. A meio caminho da montanha surpreendemos um jovem sentinela do exército, de olhos esbugalhados, que se tinha escondido por detrás de uma rocha ao ouvir que nos aproximávamos, pensando que éramos ou os fantasmas dos homens massacrados, ou os homens de Trasíbulo num ataque matinal. Espantado por ver que tínhamos sobrevivido à terrível noite na montanha, deslizou pelo caminho abaixo até ao acampamento onde organizou rapidamente um destacamento de hoplitas para subirem sob a neve ofuscante e nos auxiliarem na nossa descida.

Mais tarde, naquela manhã, quando ainda tremíamos debaixo de finos cobertores no acampamento e enquanto a neve continuava a cair, vários espartanos de Critias, voltaram do local onde tinham estado a fazer o reconhecimento da fortaleza, tentando determinar a melhor forma para fazermos um cerco e levar os rebeldes à rendição. Marchavam silenciosamente, passando pela nossa pequena fogueira, com as suas esfarrapadas capas vermelhas encapeladas e a abanarem ao vento, imperturbados pelo pó que lhes cobria as sandálias. Xenofonte ergueu-se apoiado num cotovelo quando eles passavam em direcção à tenda de Critias para fazerem o seu relatório.

— Onde estão os rebeldes? — Perguntou-lhes Xenofonte. — Reforçaram a entrada? Viestes os dragões?

Eles ignoraram as suas perguntas, olhando sempre em frente com rostos tão severos e imperturbáveis como a própria montanha, nem sequer se preocupando em disfarçar o desdém que tinham para conosco.

Dois dias mais tarde, depois do infernal regresso a Atenas num carro de provisões requisitado, durante o qual três das mulas ficaram atoladas e morreram ao frio, Xenofonte foi transportado semi-congelado e febril para casa do seu pai. Ao ver o seu filho perto da morte pela segunda vez na sua vida, o velho e duro Grilo chorou abertamente. Mais tarde naquela noite, após fazer uma oferenda de vinho aos deuses e uma caneca inteira a mim como agradecimento, ele presenteou-me com a minha alforria. Eu era um homem livre, pelo menos fisicamente.

Mais tarde voltaria a encontrar os dragões e o seu guardião.